



CURITIBA

20
24

**O PORTFÓLIO NO PROCESSO
DE ENSINO-APRENDIZAGEM:
REFLEXÕES SOBRE SUAS
PERSPECTIVAS E POTENCIALIDADES
PEDAGÓGICAS**

Arte



Curitiba
CIDADE
EDUCADORA

*Veredas
Formativas*

PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA
Rafael Greca de Macedo

SECRETARIA MUNICIPAL DA EDUCAÇÃO
Maria Sílvia Bacila

SUPERINTENDÊNCIA EXECUTIVA
Oséias Santos de Oliveira

DEPARTAMENTO DE LOGÍSTICA
Maria Cristina Brandalize

DEPARTAMENTO DE PLANEJAMENTO, ESTRUTURA E INFORMAÇÕES
Adriano Mario Guzzoni

COORDENADORIA DE REGULARIZAÇÃO E FUNCIONAMENTO DAS
INSTITUIÇÕES EDUCACIONAIS
Eliana Cristina Mansano

COORDENADORIA DE OBRAS E PROJETOS
Guilherme Furiatti Dantas

COORDENADORIA DE RECURSOS FINANCEIROS DESCENTRALIZADOS
Margarete Rodrigues de Lima

SUPERINTENDÊNCIA DE GESTÃO EDUCACIONAL
Andressa Woellner Duarte Pereira

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO INFANTIL
Kelen Patrícia Collarino

DEPARTAMENTO DE ENSINO FUNDAMENTAL
Simone Zampier da Silva

DEPARTAMENTO DE DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL
Estela Endlich

DEPARTAMENTO DE INCLUSÃO E ATENDIMENTO EDUCACIONAL
ESPECIALIZADO
Liliamar Hoça

COORDENADORIA DE EQUIDADE, FAMÍLIAS E REDE DE PROTEÇÃO
Sandra Mara Piotto

COORDENADORIA DE PROJETOS
Andréa Barletta Brahim

INTRODUÇÃO

O trabalho pedagógico desenvolvido na Rede Municipal de Ensino (RME) de Curitiba tem o compromisso com o currículo em ação, permitindo assim aos estudantes avançarem no processo de consolidação dos conhecimentos histórico e científico, superando os saberes do senso comum, garantindo o direito à aprendizagem.

Desta forma, o trabalho pressupõe o engajamento de propostas educativas com encaminhamentos didático-pedagógicos com um olhar sensível as diferenças, alicerçado na organização em Ciclos de Aprendizagem, visando o compromisso com a escola de qualidade, equânime e inclusiva.

Nessa direção, a organização do trabalho pedagógico, aliada a concepção dos Ciclos de Aprendizagem compreende a ação educativa em sua totalidade e vai além do contexto escolar, possibilitando propostas formativas que considerem todos os sujeitos que fazem parte do processo de ensino-aprendizagem.

Assumindo os princípios da busca pela qualidade educacional e embasando-se no Currículo do Ensino Fundamental: Diálogos com a BNCC¹ (2020), compreende-se que o planejamento bem como a avaliação, assumem um caráter formativo e reflexivo, desta forma planejar é um processo que estabelece metas, objetivos e estratégias para alcançar um resultado desejado, permitindo antecipar e organizar ações de forma estruturada, otimizando o uso do tempo e espaço.

A partir disso, o trabalho assumido pela RME de Curitiba, compreende o processo de ensino-aprendizagem numa relação intrínseca, na qual o professor² ensina e media os processos a fim de permitir que os estudantes avancem na consolidação dos conhecimentos.

¹ CURITIBA. Prefeitura Municipal de Curitiba. Secretaria Municipal da Educação. Currículo do Ensino Fundamental: Diálogos com a BNCC da Secretaria Municipal da Educação. 1.º ao 9.º ano. v. 1 – Princípios e Fundamentos. Curitiba: SME, 2020.

² Na escrita deste documento, destacam-se inicialmente os atores do processo educativo em suas formas masculina e feminina. Deste ponto em diante, apresentamos apenas a marca do masculino, conforme normatização da Língua Portuguesa para facilitar a leitura do material, sem, contudo, desconsiderar a importante caracterização de gênero nos tempos atuais.

Nessa perspectiva, Perrenoud (2004) afirma que ao diferenciar os percursos de aprendizagem, propõe-se situações didático-pedagógicas que atendam as particularidades dos estudantes, considerando a heterogeneidade presente na turma e respeitando os tempos e ritmos individuais. Assim, viabiliza-se propostas planejadas e adequadas para a continuidade dos processos, considerando a inter-relação da organização do trabalho pedagógico, conforme mostra a figura abaixo:

FIGURA 1: Organização do trabalho pedagógico na RME de Curitiba



Fonte: Departamento de Ensino Fundamental, SME (2020).

Dessa maneira, ao possibilitar as discussões com os professores da RME de Curitiba frente aos processos e as necessidades dos estudantes nos contextos educacionais, tendo a avaliação como um instrumento de mediação e investigação de carácter diagnóstico, viabiliza-se a análise do percurso de aprendizagem e as estratégias que cada estudante utilizou para construir sua aprendizagem. Hoffmann (2017) afirma que:

O tempo do aluno precisa ser, sobretudo, respeitado, seu tempo de aprender, seu tempo de ser, seu tempo de “*aprender determinado conteúdo*”. Acompanhá-lo, passo a passo, exige conhecê-lo como sujeito, protagonista de sua história, produtor do seu conhecimento. (p. 57).

Assim, o papel do professor é o de mediador da aprendizagem, fomentando práticas de avaliação contínua com a postura de investigador, considerando que avaliar é questionar, buscando as múltiplas dimensões das aprendizagens individuais e coletivas.

De acordo com o Currículo do Ensino Fundamental: Diálogos com a BNCC (2020), a avaliação é um processo contínuo, cumulativo, com caráter mediador e formador, com a intencionalidade de proporcionar ao professor elementos que corroborem para seu diagnóstico e conseqüentemente seu planejar e replanejar a prática educativa.

Nessa perspectiva de continuidade existe a possibilidade de articular propostas que redirecionem o trabalho pedagógico voltado para as particularidades dos estudantes, e para o acompanhamento deste processo se faz necessário a utilização de instrumentos de avaliação e de registro de avaliação.

Para o acompanhamento do processo de aprendizagem dos estudantes, a RME de Curitiba disponibiliza instrumentos de avaliação e registro que permitem ao professor o acompanhamento do aprendizado e a identificação das necessidades e potencialidades de cada um, permitindo desta forma uma reflexão sobre seu planejamento.

Segundo Hoffman (2018, p.101) os instrumentos de avaliação são registros de diferentes naturezas [...] é algo concreto e, portanto, a simples observação não é instrumento de avaliação, a não ser que se transforme em registro.

Portanto, os instrumentos de avaliação e registro permitem constantemente uma avaliação diagnóstica e mediadora, possibilitando a análise dos resultados alcançados e um redimensionamento das práticas educativas para melhor atender as necessidades e singularidades de cada estudante.

Neste cenário, a SME apresenta a construção do portfólio como uma possibilidade para o acompanhamento e mediação do processo de ensino e aprendizagem dos estudantes e do trabalho pedagógico dos professores.

O portfólio é um dos instrumentos de avaliação e de registro, condizentes com a avaliação formativa, pois permite ao professor acompanhar o desenvolvimento do trabalho de cada estudante, conhecendo as potencialidades e os aspectos que precisam ser revistos. Cada portfólio é uma criação única e sua construção é feita por meio da reflexão.

A organização de um portfólio deve estar alicerçada a concepção da avaliação mediadora, pois seu objetivo não é apenas demonstrar etapas da aprendizagem, mas sim, torna-se significativo pelas intenções de quem o

organiza, sendo um importante instrumento de registro que apresenta a identidade do estudante, a partir do olhar sensível e atento ao percurso de sua aprendizagem com as intervenções necessárias de todos os professores envolvidos nesse processo.

Para Perrenoud (2004), a observação formativa com fins de regulação dos processos de aprendizagem parte de um olhar sensível e atento ao percurso de aprendizagem individual, o que é possível com a elaboração de portfólios registrados de forma organizada, com o caminho percorrido pelo sujeito, objetivando intervir no processo que está em curso.

Assim, a SME propõe o portfólio como um instrumento de registro de avaliação permitindo a avaliação diagnóstica suscitando uma reflexão acerca da organização do trabalho educativo, consistindo em uma documentação pedagógica que revele a identidade e as particularidades de cada sujeito envolvido neste percurso.

Desta forma, propor práticas avaliativas mediadoras, a partir de instrumentos de registro com intencionalidade pedagógica proporciona ao professor a reorganização do ensino visando a garantia do direito a aprendizagem para todos os estudantes.

Para a perspectiva assumida pela RME de Curitiba, a avaliação da aprendizagem é o ponto de partida para o (re)planejamento do trabalho pedagógico, e estas propostas podem ocorrer de diversas formas, e por meio de instrumentos que identificam a aprendizagem dos estudantes.

Sendo o portfólio, um desses instrumentos, tem por objetivo documentar os percursos de construção do conhecimento, subsidiando o professor sobre os avanços individuais dos estudantes e as necessidades de cada um frente a heterogeneidade da turma.

Para que o portfólio seja uma estratégia que viabilize a organização do trabalho pedagógico, é preciso que contemple atividades diferenciadas, diversificadas e significativas de todos os componentes curriculares, sem necessariamente ser as mesmas para todos os estudantes.

As propostas apresentadas no portfólio, devem estar identificadas e datadas, contendo enunciado, os registros do professor descrevendo como foi realizada, se de forma autônoma ou com auxílio, se com auxílio de que forma ocorreu e quais apontamentos do professor.

No caso dos desenhos, deixar registrado qual a consigna para a proposta: desenho livre ou dirigido, a partir de qual contexto esse desenho foi realizado.

Alguns pontos devem ser observados na construção desse portfólio, tais como:

- Folha de rosto contendo nome da escola, nome completo do estudante, data de nascimento, ano de escolaridade, turma, nome dos professores e ano letivo.
- Propostas e materiais organizados em ordem cronológica.
- Periodicidade das atividades propostas.
- Propostas e registros de todos os componentes curriculares.
- Registros que explicitem os avanços de aprendizagem dos estudantes.
- Observações de como o estudante realizou tal proposta.

Assim, a concepção e a organização em Ciclos de Aprendizagem na RME de Curitiba, bem como os princípios fundantes do currículo em ação devem balizar todo o trabalho pedagógico realizado nas escolas da RME, para tal propomos neste material, sugestões de encaminhamentos que elucidem a proposta do portfólio como instrumento de avaliação e de registro para mediação dos processos de aprendizagem em todos os componentes curriculares.

PORTFÓLIO EM ARTE: COLECIONANDO SEMENTES

20
24

Coletas sensoriais, percepções, estudos, vivências constroem dados que ficam à espera de algum fato ou coisa que deflagre o processo de criação. A criação acontece, mas os pensamentos já estavam ali, germinando.

Rosana Paulino³

A avaliação da aprendizagem em Arte⁴ considera que o planejamento de ensino e o plano de aula têm relação intrínseca, uma vez que se avalia para assegurar que os planejamentos se consolidem na prática. Logo, a avaliação será sempre processual e contínua, extrapolando a ideia de uma prova escrita ou um único instrumento avaliativo.

Assumindo isso, levantam-se os seguintes questionamentos:

- Considerando o ensino de Arte na escola, seria possível conceber algo que fosse realmente eficaz para esse propósito sem perder a essência desse trabalho?

- Como seria possível contemplar as subjetividades presentes e as múltiplas manifestações expressivas dos estudantes em diferentes momentos e em diferentes linguagens, suportes e materialidades?

Para respondê-los, o portfólio surge como uma **possibilidade** de organizar e sistematizar o trabalho cotidiano por meio das **produções do estudante**⁵. Desse modo, cabe ao professor pensar nas escolhas que deverá fazer ao **colaborar** com o portfólio do estudante, visto que, este será composto de diferentes demandas de todos os componentes curriculares. Deverá também contemplar as produções em Arte de acordo com as especificidades de cada linguagem artística.

Ao professor de Arte que contribuirá com o portfólio do estudante, dois pensamentos são fundantes: qual é o melhor formato/suporte? Como se dará a escolha das produções que farão parte desse portfólio?

³ Citado por Ferrari, 2012, p. 154.

⁴ O componente curricular Arte será sempre grafado em letra maiúscula, diferenciando da abrangência do campo da arte como produção artística e cultural.

⁵ Parte-se do entendimento de que haverá apenas um portfólio para cada estudante ao longo da sua trajetória escolar. Portanto, professor, atente-se ao fato de que o portfólio não precisa trazer informações do seu planejamento e nem atribuir informações das especificidades dos estudantes que estão inseridos no PAPI.

Figura 2: Possíveis escolhas e suportes para o portfólio



Fonte: SME, 2024.

Em resposta ao primeiro pensamento, o formato e o suporte são, de início, o primeiro desafio a ser enfrentado, pois é evidente que a diversidade de linguagens e técnicas no trabalho com a arte impõe uma flexibilidade para o portfólio.

Nas artes visuais, por exemplo, até meados do século XIX, as linguagens eram somente as tradicionais: escultura, desenho, pintura e gravura. Com o advento da fotografia e outras tecnologias, viu-se multiplicar o número de linguagens ao dispor dos artistas visuais, surgindo nesse cenário outras formas e suportes de artes, tais como, a videoarte, a web arte, a performance, a arte mídia, entre outras.

Sabe-se que o trabalho com a Arte na escola não funciona exatamente como no campo de produção da arte. Porém, em muitos momentos no ensino desse componente, nós professores acabamos trabalhando com as diversas linguagens e técnicas disponíveis. As imagens a seguir exibem essa diversidade:

Figura 3: Diversidade de linguagens e técnicas.



Fonte: Acervo da professora Josiane Bassetti do Nascimento (2024).

Nesse sentido, podemos pensar que para um desenho, uma gravura ou uma pintura em pequeno formato. O meio mais comum a ser usado como portfólio seria uma pasta com divisória. Entretanto, face às inúmeras linguagens e técnicas produzidas, bem como ao caráter multissensorial e multimodal da arte contemporânea, fica evidente que uma pasta não dará conta das produções dos estudantes, por isso, entende-se que um suporte em formato híbrido seja mais adequado para acompanhar o percurso desses estudantes.

Por híbrido, pensa-se em algo que possa ser físico e digital. O suporte físico não necessita necessariamente ser uma pasta, pode-se avaliar outros meios, e, no suporte digital, as opções giram em torno de duas possibilidades principais: aplicativos e diretórios de armazenamento em nuvem. O ideal é que o professor aperfeiçoe o suporte às necessidades de seu trabalho. A organização dependerá de um domínio do professor para operar com o serviço escolhido dentre as opções disponíveis⁶.

O portfólio é um instrumento de avaliação e também um instrumento de registro de avaliação. Há alguns conceitos que dialogam com o ensino da Arte e são demasiadamente importantes para se considerar na elaboração desse portfólio, tais como: arquivo, registro, memória e interface.

Figura 4: Arquivo



Fonte: SME, 2024

O arquivo pressupõe um caráter documental, presta-se à pesquisa, fornece obrigatoriamente informações criteriosas, como datas, natureza, entre outros. Ele é prioritariamente objetivo, não deixa muito espaço para a subjetividade do seu autor, pelo contrário, quanto mais

formal e objetivo melhor.

Por isso mesmo, o arquivo, em um portfólio para a Arte, nem sempre será a melhor opção, ao contrário disso, o portfólio pode ser um repositório dinâmico que favoreça o acesso ao percurso do estudante e precisa funcionar como um diário de bordo.

⁶ Atualmente a prefeitura de Curitiba possui um contrato de serviços com o Google que disponibiliza o serviço de armazenamento em nuvem chamado de Google Drive.

Sobre o assunto de **diário de bordo**, a videoaula número 01, de 2022, da TV Escola Curitiba para 5.º ano do componente de Arte, aborda os diários de Leonardo Da Vinci e Eugène Delacroix como exemplos. A videoaula está disponível no Youtube, no seguinte endereço: <https://youtu.be/jexB7Ebp1OQ&t>



Um diário de bordo dialoga com a ideia de registro, é muito comum, na arte como um todo, que artistas recorram ao registro como forma de organizar, planejar e também garantir que seu trabalho se torne conhecido, divulgado ou acessado. Conforme dito anteriormente, o surgimento ou a expansão das linguagens das artes visuais sinalizam uma mudança radical no objeto de arte, ou obra de arte, como muitos se referem.

Linguagens como o *Happening*⁷, a *Performance*⁸, a *Land Art*⁹, entre outras, têm como característica a efemeridade, ou seja, diferente de uma pintura, que o objeto se concretiza materialmente, nas linguagens efêmeras, nem sempre se tem um produto físico. Essa diluição do objeto de arte faz com que artistas desenvolvam meios de registro desses trabalhos.

Por exemplo, a artista contemporânea Néle Azevedo, tem um trabalho intitulado **Monumento Mínimo**, que consiste em pequenas esculturas de gelo,

⁷ O termo *Happening* (acontecimento) foi utilizado pela primeira vez como modalidade artística em 1959, por Allan Kaprow. Ele se distingue do conceito de *Performance* contando com um caráter mais espontâneo a partir da reação do público envolvido. O *Happening* é gerado na ação, e como tal, não pode ser reproduzido, desafiando as fronteiras entre arte e vida, acontecendo em contextos variados, como ruas, lojas vazias e outros. Fonte disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3647/happening>. Acesso em: 07 out. 2024.

⁸ O termo *Performance* é a ação artística que mescla aspectos das artes visuais, do teatro, da dança e da música, mas pode envolver também outros elementos e dinâmicas realizadas pelo artista, incluindo o ambiente onde está ocorrendo a ação. Geralmente resulta em algum tipo de documentação (vídeo, filme, livro, foto) destinado ao circuito de arte. Fonte disponível em: <https://pinacoteca.org.br/conteudos-digitais/educativo/glossario/>. Acesso em: 11 out. 2024.

⁹ *Land Art*, também conhecida como *Earth Art* ou *Earthwork*, é um tipo de arte em que o terreno natural, em vez de fornecer o ambiente para a obra de arte, é ele próprio trabalhado de modo a compor a obra. Fonte disponível em: <https://pinacoteca.org.br/conteudos-digitais/educativo/glossario/>. Acesso em: 11 out. 2024.

montadas no espaço urbano por meio de uma ação colaborativa. Em termos gerais, é uma instalação de arte¹⁰.

Figura 5: Néle Azevedo. Monumento Mínimo. 2014, Birmingham, Inglaterra.



Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/abrinsky/14836645923>. Acesso em: 09 out. 2024.

Porém, dado o seu caráter efêmero (pois logicamente o gelo derrete), o contato com a obra se dá por meio de fotografias e vídeos, ou seja, a maioria das pessoas conhece o registro e não exatamente a obra. Na imagem, a instalação foi montada na cidade de Birmingham (Inglaterra), no ano de 2014, e contou com a participação de 20 voluntários que depositaram 5.000 peças nas escadarias da Chamberlain Square.

O registro não é a obra em si, não possui a materialidade da obra, mas é uma forma de acessar a experiência produzida pela obra por meio da memória e do arquivo.

No ambiente escolar muitas vezes os professores desenvolvem trabalhos em arte cujo caráter de efemeridade está presente, como é o caso das apresentações de teatro, música e dança.

¹⁰ Termo incorporado ao vocabulário das artes visuais na década de 1960 para designar uma manifestação artística contemporânea composta de elementos organizados em um ambiente. A instalação é uma construção ou uma montagem de materiais que pode atingir amplas proporções e inclusive permitir a entrada do espectador no espaço por ela constituído. Pode ter um caráter efêmero, mantendo-se construída apenas durante o tempo de uma exposição, ou pode ser desmontada e recriada em outro local. Fonte disponível em: <https://pinacoteca.org.br/conteudos-digitais/educativo/glossario/>. Acesso em: 11 out. 2024.

Da esquerda para a direita:

- Figura 6: Jogos de mãos - estudantes do 3.º ano da professora Leila Camargo da Escola Municipal Duílio Calderari.
- Figura 7: Apresentação Musical - estudantes da professora Jaqueline Ponciano Hipólito na Escola Municipal Newton Borges dos Reis.
- Figura 8: Jogos de copos - estudantes do 5.º ano da professora Alexandra Nicolau da Escola Municipal CEI Monteiro Lobato.
- Figura 9: Jogo Musical - estudantes do 5.º ano da professora Renata Ballego Barreiros na Escola Municipal CEI Issa Nacli.



Fonte: SME (2024).

Há também os casos de trabalhos coletivos de grande formato, como o trabalho apresentado anteriormente pela professora Josiane Bassetti com os estudantes do 5.º ano da Escola Municipal Caramuru.

Cabe ao professor pensar qual/como a proposta será anotada no portfólio. Embora as possibilidades sejam muitas, o ideal é que o registro seja preciso, objetivo e realmente sirva como avaliação do percurso do estudante, tanto por ele quanto pelo professor. Por isso, não é tudo o que cabe no portfólio, é necessário fazer uma curadoria. Assim, o registro é de certo modo uma memória que constituirá o percurso do estudante.

É muito comum se referir à memória como sinônimo de lembrança, no entanto, são coisas diferentes. A memória é um processo de armazenamento de experiências vivenciadas, ou seja, são situações guardadas em nosso cérebro a partir de determinadas situações, podendo ser memórias sensoriais, de curto e longo prazo. Portanto, a memória é mais complexa que a lembrança.

A lembrança, por sua vez, compreende o conceito de se recordar de alguma experiência armazenada pela memória e motivada por um estímulo (sensorial ou afetivo). Sobre isso, cabe ainda ressaltar que os sujeitos envolvidos na mesma vivência terão experiências diferentes, pois a experiência está atrelada a condição de cada sujeito.

Para ilustrar uma prática que tenha essa natureza, pensemos em uma situação hipotética: estamos no 3.º trimestre, trabalhando sobre as **Cinco Peles de Hundertwasser**, na perspectiva das linguagens de teatro e da dança, no 6.º ano.

Objetivo: Compreender e explorar a arte como expressão, mantendo uma atitude de busca pessoal e/ou coletiva, articulando a percepção, o imaginário, a sensibilidade e a reflexão do criar e fruir produções artísticas.

Conteúdo: expressão corporal: diferentes possibilidades de movimentação corporal, uso de variadas partes do corpo.

Critérios de avaliação: utiliza e experimenta os fatores do movimento, gerando ações corporais.

-Utiliza-se dos elementos constitutivos da dança na representação da poética pessoal.

-Experimenta as possibilidades de uso das raízes de habilidades motoras.

Pensando em uma sequência simples, em que, na primeira aula a proposta é criar moldes a partir de partes do corpo dos estudantes; na segunda e terceira aula, experimentar e explorar os elementos da dança (fatores do movimento, níveis, planos, movimentos articulares, base de apoio etc.); na quarta aula, a partir da experimentação e do tema das cinco peles, serão criadas células coreográficas. Na quinta aula, o resultado será apresentado para a turma. Na sexta aula, vamos pensar em como criar um cenário para contemplar as coreografias de todos, usando os moldes propostos na primeira aula.

Conforme a sequência didática de 6 aulas apresentadas no quadro acima, cabe perguntar: o que de fato poderá compor o portfólio do estudante? É muito comum recorrer ao material produzido, nesse caso, os moldes propostos na primeira aula seriam a primeira ideia. Porém, eles são meros dispositivos para

trabalhar a expressão corporal e atingir os critérios de avaliação. Assim, sugere-se alimentar o portfólio com uma única fotografia do coletivo (apresentação/cenário) e áudios com os relatos de cada estudante sobre o processo. Antes de gravar os áudios, o professor poderá instigar os estudantes a pensarem sobre o tema (Cinco peles) e também sobre os critérios de avaliação.

Ao selecionar os conteúdos que irão compor o portfólio, deve-se considerar as múltiplas experiências, vivências, memórias e lembranças de cada indivíduo envolvido no processo (professores e estudantes). Reiteramos a importância de se realizar a curadoria, pois o que garantirá a eficácia deste material é sua capacidade de comunicar o objetivo a ser avaliado e não o acúmulo indiscriminado de materiais.



Professor, vale a pena retomar a leitura do Caderno de Avaliação diagnóstica em Arte e as reflexões a respeito da importância da avaliação processual e contínua. Ele encontra-se disponível no link:

<https://mideducacao.curitiba.pr.gov.br/2024/3/pdf/00464554.pdf>

É necessário ter critérios bem precisos sobre os materiais selecionados para não tornar o portfólio muito sobrecarregado e poluído visualmente. Cuidar para não trazer atividades prontas e que não demonstram de fato o desenvolvimento do estudante, mas sim que privilegiam a sua autonomia no processo, a fim de não contemplar uma estética adulta, somente, sem considerar o protagonismo da criança/do adolescente.

A interface do portfólio é outro fator a se considerar, pois o material precisa ser acessado e alimentado também pelos estudantes, o que garantirá a sua autoavaliação e não sobrecarregar o professor como único envolvido na composição. A interface é o “elemento que proporciona uma ligação física ou lógica entre dois sistemas ou partes de um sistema que não poderiam ser

conectados diretamente”¹¹. Assim, a interface também deve considerar o nível etário e acadêmico desse estudante.

Uma última consideração acerca de como o professor poderá alimentar o portfólio a partir da sua perspectiva diz respeito ao uso dos **critérios de ensino-aprendizagem** descritos no Currículo do componente Arte, e não apenas com base nos conteúdos. Reitera-se ainda que o portfólio não precisa encerrar ao final de um trimestre/ano/ciclo, ele pode acompanhar toda a vida acadêmica/percurso do estudante. Como afirma Villas Boas, “O portfólio não é considerado um simples instrumento de avaliação usado em determinados momentos, mas um procedimento que pode extrapolar sua função avaliativa inicial, consolidando-se como o eixo norteador do trabalho pedagógico”. (Villas Boas, 2012, p. 177).

Em termos gerais, o portfólio na perspectiva do trabalho com a arte deve considerar sempre todos os envolvidos no processo, possuindo uma interface acessível a todos, com registros que considerem as múltiplas experiências e também as especificidades da produção em arte, como no caso das linguagens efêmeras.

Para isso, é necessário que o professor dedique um tempo para planejar o portfólio antes de fazê-lo, bem como ensinar o estudante a rotina de selecionar, na sua produção, aquilo que considere relevante. Nesse sentido, o portfólio não deverá tornar-se uma demanda burocrática, pelo contrário, deve se consolidar como uma ferramenta que irá auxiliá-los no processo de ensino-aprendizagem e na avaliação.

¹¹ Disponível em: <https://bitlab.com.br/interface-laboratorial-uma-alternativa-para-aumentar-a-produtividade-e-a-qualidade-do-seu-laboratorio/>. Acesso em: 17 out. 2024.

REFERÊNCIAS

CURITIBA. Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal da Educação. **Currículo do Ensino Fundamental**: Diálogos com a BNCC. 1.º ao 9.º ano. v. 1 – Princípios e Fundamentos. Curitiba: SME, 2020.

FERRARI, Solange dos Santos Utuari. **Encontros com arte e cultura**. 1.ª ed. São Paulo, FTD, 2012.

VILLAS BOAS, Benigna Maria de Freitas. **Portfólio, avaliação e trabalho pedagógico**. 8ed. Campinas, SP: Papirus, 2012 (Coleção Magistério: formação e trabalho pedagógico).

FICHA TÉCNICA**SUPERINTENDÊNCIA DE GESTÃO EDUCACIONAL**

Andressa Woellner Duarte Pereira

DEPARTAMENTO DE ENSINO FUNDAMENTAL

Simone Zampier da Silva

Gerência de Currículo

Luciana Zaidan Pereira

Equipe Pedagógica da Gerência de Currículo

Ana Michele Nogueira Maciel de Lima

Pamela Zibe Manosso Perussi

Viviane da Cruz Leal Nunes

Elaboração – Equipe Gerência de Currículo

Alessandra Micoski Haloten

Ana Michele Nogueira Maciel de Lima

Ana Paula Ribeiro

Andrea Borowski Gomes

Angela Cristina Cavichiolo Bussmann

Cristiane Lopuch Nogueira

Déa Maria de Oliveira Aguiar

Dircélia Maria Soares de Oliveira Cassins

Fabiola Berwanger

Fernanda Fernandes

Franciane Cristina da Silva Souza

Giselia dos Santos de Melo

Janaina Frantz Boschilia

Juliana Candido Lara Benatti

Justina Inês Carbonera Motter Maccarini

Karin Willms

Kelly Cristhine Wisniewski de Almeida Colleti

Lígia Marcelino Krelling

Luciana Zaidan Pereira

Lucimara Fabricio

Marcos Roberto dos Santos

Pamela Zibe Manosso Perussi

Paula Francielle Domingues

Robson André Zatta

Rosângela Maria Baiardi de Deus

Rosimeri de Souza Lima

Taís Grein

Taniele Loss

Thiago Luiz Ferreira

Vagner Ferreira de Oliveira

Vanessa Marfut de Assis

Viviane da Cruz Leal Nunes

Diagramação

Ana Michele Nogueira Maciel de Lima

Gerência do Núcleo de Mídias Educacionais

Haudrey Fernanda Bronner Foltran Cordeiro

Revisão

Flávia Nolasco Witoslawki

Rita de Cassia Dias Fonseca

Tháise Silva Viama



CURITIBA

20
24

Prefeitura Municipal de Curitiba
Secretaria Municipal da Educação
Superintendência de Gestão Educacional
Departamento de Ensino Fundamental
Gerência de Currículo



Curitiba
CIDADE
EDUCADORA

*Veredas
Formativas*